

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da fábrica da Nestlé Brasil Ltda em Feira de Santana

Feira de Santana-BA, 09 de fevereiro de 2007

Excelentíssimo governador da Bahia, Jaques Wagner – eu estou até emocionado de ter que chamá-lo de excelentíssimo – e sua querida companheira Maria de Fátima Mendonça,

Minha querida companheira Marisa,

Senhora Dóris Leuthard, ministra da Economia da Suíça,

Senhor Rudolf Baerfuss, embaixador da Suíça,

Nosso querido companheiro Waldir Pires, ministro da Defesa; Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores; Silas Rondeau, ministro de Minas e Energia,

Nosso querido senador João Durval. E uma novidade, o João Durval – como uma eleição faz bem, sobretudo a vitória – está 20 anos mais novo, desde o dia da eleição até agora. Meus parabéns.

Senhor Edmundo Pereira, vice-governador do estado da Bahia,

Deputados federais Colbert Martins, Fernando de Fabinho e Daniel Almeida,

Deputado Marcelo Nilo, presidente da Assembléia Legislativa do estado da Bahia,

Senhor Ronaldo de Carvalho, prefeito de Feira de Santana,

Senhor Ivan Zurita, presidente da Nestlé Brasil,

Senhor Paul Bulcke, vice-presidente da Nestlé para as Américas,

Meus amigos e minhas amigas,

Primeiro, quero agradecer à direção mundial da Nestlé, à direção das Américas da Nestlé e à direção brasileira da Nestlé por continuarem acreditando no Brasil. Desde 1921 que a Nestlé pôs, pela primeira vez, os pés em solo brasileiro. Eu penso que a Nestlé deveria ser – muito mais do que um discurso do presidente ou de uma decisão de política econômica do governo

brasileiro – o cartão de visitas, a carta-convite para que qualquer empresário estrangeiro possa investir no Brasil porque, se a Nestlé deu certo e continua acreditando, certamente há espaço para muitas outras empresas investirem no Brasil.

Em segundo lugar, quero dizer à direção da Nestlé, ao povo da Bahia, ao povo de Feira de Santana, ao nosso querido Governador, que ao lançarmos o programa de aceleração da economia no último dia 22 de janeiro, nós quisemos mostrar ao Brasil que não existe volta para o Brasil, não existe nenhuma possibilidade de o Brasil jogar fora a chance de crescer de forma vigorosa, como já jogamos tantas vezes na nossa história. A história do Brasil é cheia de momentos auspiciosos, em que a gente vai dormir achando que está dando tudo certo e acorda de manhã com mudanças bruscas na economia, onde o País perde, os empresários perdem e os trabalhadores são as grandes vítimas desse processo de incertezas que, muitas vezes, os governantes oferecem ao seu povo.

Nós estamos vivendo um momento na economia brasileira em que eu posso olhar na cara de cada um de vocês, empresários, políticos e trabalhadores e dizer: não há momento na história econômica do Brasil em que a gente esteja vivendo um momento tão auspicioso para atrair investimentos, seja do capital interno, seja do capital externo.

Vamos ser francos. Quantas pessoas acreditavam, há quatro anos, que nós chegaríamos em 2007 com 92 bilhões de dólares de reservas? Quantas pessoas acreditavam que nós pudéssemos chegar a 140 bilhões de dólares de exportação e a um superávit na balança comercial de 47 bilhões de dólares? Quantas pessoas podiam imaginar que nós iríamos sair de um déficit de conta corrente para um superávit em apenas três anos de administração? Quantas pessoas podiam imaginar que nós pudéssemos, na relação comercial com o Mercosul, com a América do Sul e com a América Latina, superar o comércio que nós tínhamos com os Estados Unidos e superar o comércio que nós tínhamos com a Europa? Quantas pessoas poderiam imaginar que nós conseguíssemos provar ao Brasil e ao mundo que é possível aumentar a exportação e ao mesmo tempo aumentar o mercado interno, que é possível aumentar as exportações e aumentar as importações, que é possível crescer sem causar inflação, e que é plenamente possível crescer fazendo política de

distribuição de renda? Esses são os indicadores mais extraordinários para que possamos atrair investidores estrangeiros a investir no Brasil.

É por isso que fizemos um programa – que tem cabeça, tronco e membros, e portanto, tem dia para começar e dia para terminar – de investimento entre governo federal, empresas públicas e iniciativa privada, da ordem de 504 bilhões de reais, ou seja, 252 bilhões de dólares, para que a gente possa investir em quatro anos.

Posso garantir a vocês que, ao terminar este mandato em 2010, o Brasil estará diante de um conjunto de obras realizadas e, possivelmente, em nenhum momento da sua história, tenha conseguido vislumbrar um conjunto de obras, que começa em garantir energia para que as empresas possam produzir no Brasil. Garantir as estradas, garantir as ferrovias, garantir as hidrovias, porque o Brasil precisa aproveitar essa oportunidade de se transformar numa grande economia. Eu digo sempre que o século XIX foi da Europa, o século XX foi dos Estados Unidos, e o Brasil não pode permitir que o século XXI seja apenas da China e da Índia, nós precisamos participar dessa fatia e temos condições.

Temos condições por quê? Temos condições, em primeiro lugar, porque temos todas as possibilidades, todos os marcos regulatórios e faremos as mudanças que precisarem ser feitas para que a gente possa dar a garantia jurídica dos investimentos no Brasil. Temos mão-de-obra qualificada e sabemos que precisamos qualificar muito mais. É importante lembrar, Zurita, que na campanha eu dizia que, ao terminar o meu mandato em 2010, nós vamos ter em cada cidade-pólo deste País uma extensão universitária da universidade federal e uma escola técnica profissional, porque será através da educação que nós vamos garantir o que outros países tiveram.

Se a gente for analisar a história do desenvolvimento europeu, nós vamos compreender que, no final do século XIX, quase todos os países da Europa eram pobres e quase todos cresceram a partir do investimento em educação. Por isso é que nós somos gratos ao Congresso Nacional por ter aprovado o Fundeb, porque agora a gente vai poder fazer os investimentos no ensino fundamental, a partir da correção da distorção no salário dos professores, criando um piso nacional para os professores deste País para motivá-los, cada vez mais, a cuidar da qualidade do ensino, do ensino

fundamental brasileiro, porque não basta investir na universidade se a gente não cuidar do alicerce da educação, que é o ensino fundamental. E essa responsabilidade não é do presidente da República ou do ministro da Educação, essa responsabilidade é, sim, do presidente da República, do governador do estado, do prefeito de cada cidade, de cada empresário, de cada vereador, de cada deputado, de cada senador, de cada mulher e de cada homem. Muitas vezes, nós tentamos encontrar culpados para as mazelas do Brasil mas, no fundo, no fundo, cada um de nós, seja governante ou não, tem uma parcela de culpa nas coisas que não aconteceram no Brasil no momento certo e na hora certa.

A eleição do companheiro Jaques Wagner – e eu quero dizer, de público, que eu tinha uma relação extraordinária com o governador Paulo Souto – é a possibilidade de a Bahia ser governada, em algum momento, por alguém que mantenha todas as coisas boas que aconteceram neste estado, mas que coloque um olhar muito forte para a questão social deste estado. Eu tenho dito que, muitas vezes, não basta a gente mostrar o indicador de que a economia de uma cidade, de um estado ou de um país cresceu, se esse crescimento estatístico da economia não estiver acompanhado do crescimento da melhoria da qualidade de vida do povo trabalhador deste País, daqueles que não tiveram oportunidade de trabalhar. É exatamente essa melhoria de condição de vida do povo que vai permitir ao povo mais pobre da Bahia poder comprar este macarrão gostoso que você vai fazer aqui. E se nós não melhorarmos o poder aquisitivo do povo, nós vamos ter sempre os mesmos podendo comprar de tudo, e os mesmos que não podem comprar nada.

O desafio, meu companheiro Jaques Wagner, é acreditar piamente que está nas suas mãos – como esteve nas minhas mãos no primeiro mandato e está neste segundo mandato – fazer a mais forte política social que este País e que este estado já conheceram. Afinal de contas, não valeria a pena a gente governar nem o País, nem o estado e nem uma cidade se, quando terminar o mandato e a gente for medir os indicadores sociais, o povo estiver tão pobre quanto estava quando a gente entrou no governo.

E a nossa prioridade é exatamente essa. É por isso que nós combinamos a necessidade do crescimento econômico com a necessidade da distribuição de renda e, ao mesmo tempo, a necessidade do investimento na

educação. Tudo o mais virá, se essas três coisas acontecerem. Aí é preciso que haja, da parte do governo federal, uma atuação harmoniosa com os governos estaduais, independentemente de que partidos sejam. Eu sei que o prefeito desta cidade é do PFL, e eu duvido que tenha no Brasil um único prefeito, de qualquer partido político que seja, para dizer que um dia foi discriminado pelo governo federal, porque a gente não vê a cara do prefeito, não vê a cara do governador, a gente vê é a cara do povo que eles representam e, em nome disso, nós temos que fazer as coisas que precisam ser feitas.

Eu acho que participar da inauguração de uma fábrica é, para um governante de um país como o Brasil, extremamente gratificante. Eu tive oportunidade de conversar com aqueles meninos e meninas que estavam trabalhando na linha de produção. E não há nada mais gratificante, não há nada mais dignificante na vida de um ser humano do que ele ter um trabalho, por esse trabalho ganhar um salário, e com esse salário poder levar para dentro de sua casa a comida, a roupa para os filhos, o material da escola e, no domingo, ainda poder sair com a família para comprar alguma coisa a mais. E logo, logo, chupar o sorvete que a Nestlé deverá começar a produzir por aqui logo, logo. Não há nada mais gratificante.

Eu vi o sorriso na cara das meninas e dos meninos, do primeiro emprego. Eu sinto o que foi a minha alegria, naquele tempo muito mais jovem do que vocês, com 14 anos, colocar o meu primeiro macacão para ir para uma fábrica trabalhar. É uma sensação de soberania, de liberdade, de conquista. Vocês vão perceber muito mais essa conquista quando receberem o primeiro pagamento e chegarem em casa. Sempre vão achar que é pouco, mas sempre vão querer mais. A vida é assim, o Zurita também está sempre pedindo mais redução de impostos, mais desoneração. Então, em contrapartida, os trabalhadores pedem mais salário, pedem mais salário, pedem mais salário. É com essa pedição toda que a gente vai construindo o equilíbrio que transforma o Brasil nesta nação democrática que é.

Eu não poderia deixar de dizer aqui o que já foi dito pelo Wagner, o que já foi dito pelo prefeito. Da mesma forma que eu me emociono quando eu estou fora do Brasil e ouço o Hino Nacional ou vejo a Bandeira do Brasil, eu tenho ouvido de empresários uma coisa que muitas vezes o empresário brasileiro não

reconhece e isso, às vezes, é triste para a gente. Em cada encontro internacional que eu vou, que tem uma empresa estrangeira que tem fábrica no Brasil, a coisa mais corriqueira que eles dizem é que estão boquiabertos com a criatividade e a competência do trabalhador brasileiro, sobretudo na Bahia.

Quando você está em Nova Iorque fazendo um debate com 800 empresários e sobe a vice-presidente de uma multinacional, como é a Ford, e ela diz ao microfone, para todo mundo ouvir, que nunca tinha visto nada igual à capacidade de trabalho e à criatividade do trabalhador baiano, à facilidade de aprender nas horas que tiveram para fazer a sua formação profissional, eu pensei que era uma coisa só da Ford.

Hoje, eu ouço do diretor das Américas da Nestlé que, de todas as fábricas que ele tem no mundo, a maior criatividade é exatamente a dos empregados das empresas do Brasil. Esse é um jeito especial de ser brasileiro e um jeito especial de ser baiano. Eu acho que os baianos... houve um tempo em que se dizia que o baiano não gostava de trabalhar. Ora, não gostava de trabalhar porque não tinha fábrica. Agora as fábricas começaram a chegar. Eles não só gostam de trabalhar, como estão provando que são mais competentes do que muitos daqueles que diziam que eles não sabiam trabalhar.

Portanto, eu quero agradecer à direção da Nestlé. Quero agradecer a você, Zurita, mais este investimento, eu espero que você continue procurando lugar no Nordeste para fazer mais investimentos, porque um dos nossos desejos é fazer com que o Nordeste brasileiro diminua a distância que existe das regiões mais ricas do País e possa se tornar uma região equânime às regiões mais desenvolvidas do País.

Eu sei que tem gente que não gosta, mas a gente precisa cuidar primeiro das regiões mais pobres, torná-las mais iguais, criar mais oportunidades. Depois a gente tem que cuidar da parte mais pobre do povo. O nosso desejo não é que tenha pobre rico, o nosso desejo é que tenha uma sociedade mais justa, em que as pessoas possam trabalhar, estudar, comer, ter acesso à cultura. É o que todo mundo quer, é o que todo mundo desenvolvido já tem, e é o que o povo brasileiro deseja. Por isso eu quero, Wagner, dizer para você, por isso estou esperançoso de que você possa fazer para a Bahia mais e melhor do que tantos quantos já passaram pela Bahia.

Deus te abençoe e te dê sorte, e que você consiga enfrentar as desavenças. Eu sei que quando você tiver problemas, vai bater na minha porta, e eu, como tenho um coração um pouco baiano, estarei sempre pronto para lhe atender.

Parabéns aos trabalhadores da Nestlé, parabéns à Nestlé e parabéns à Bahia.